



## Análise do Discurso: Novos Olhares

Amanda Braga<sup>1</sup> (UFPB/UFSCar)

### Resumo:

Este artigo tem como ponto de partida as inquietações que embaçaram o quadro teórico e metodológico da Análise do Discurso francesa durante a década de 80. É nosso objetivo discutir a transmutação das línguas de madeira em “línguas de vento” e o modo como isso, atrelado às rupturas políticas e teóricas da época, provocou uma série de discontinuidades no interior da disciplina. Esse panorama nos possibilitará compreender os motivos pelos quais emerge, naquela década, uma preocupação com uma materialidade discursiva que já não se compunha apenas de verbo, mas também de imagens e sons. A fim de entender de que modo essas rupturas respingam na Análise do Discurso feita atualmente, discutiremos a maneira como Jean-Jacques Courtine traz contribuições de Michel Foucault ao campo (a partir do qual ele propõe o conceito de memória, em 81), bem como o modo como o estatuto da imagem e da memória entram em cena, hoje, a partir da noção de intericonicidade.

**Palavras-chave:** discurso, imagem, memória, semiologia.

### Resumé:

Cet article a comme point de départ les inquiétudes qui ont rendu flou le cadre théorique et méthodologique de l'Analyse du Discours française pendant la décennie des années 80. Notre objectif est de discuter la transmutation des langues de bois en « langue de vent » et la manière comment cela, mêlé aux ruptures politiques et théoriques de l'époque, ont provoqué une série de discontinuités au sein de la discipline. Ce panorama nous permet de comprendre les motifs par lesquels émerge, durant cette décennie, une préoccupation sur la matérialité discursive qui ne se compose plus seulement alors de verbes, mais aussi d'images et de sons. Afin de comprendre de quelle manière ces ruptures se répandent sur l'Analyse du Discours qui se fait actuellement, nous discuterons la manière dont Jean-Jacques Courtine apporte les contributions de Michel Foucault à ce domaine (à partir duquel il propose le concept de mémoire, en 81), ainsi

que la façon dont le statut de l'image et de la mémoire entrent en scène aujourd'hui à partir de la notion d'intericonicité.

**Mots-clés:** discours, image, mémoire, sémiologie.

A década de 80 representa, para a Análise do Discurso francesa derivada dos trabalhos de Michel Pêcheux e seu grupo, um período de colapso: política e teoria entravam em choque. As crises do Marxismo, do Estruturalismo, além da crise política e do esfacelamento da esquerda colocam em xeque a base epistemológica que vinha sendo construída desde 69. Os *corpora verbais* coletados e analisados na década de 60 estavam em mutação: o discurso político partidário já não se reduzia ao verbo. As turbulências sociais, políticas e tecnológicas atribuíam nova configuração à mensagem política. Segundo Courtine (1999), a década de 80 é o momento de *desmarxização* da teoria linguística e, em geral, das Ciências Humanas. Foi preciso desvencilhar-se do projeto althusseriano para dar conta das transformações pelas quais passava a França naquele momento.

Ao contrário do que se pode pensar, no entanto, não são os anos 80 que inauguram essas turbulências. A concepção de uma análise do discurso estava, desde a década de 60, quando da publicação da *Análise Automática do Discurso*, por Michel Pêcheux, atrelada a uma certa configuração política, de modo que, ao passo em que entrava em mutação a política francesa, entrava também em transformação, como reflexo, a teoria.

A nova organização discursiva que então se mostrava teria raízes no movimento estudantil de Maio de 68, quando da irrupção do que Pêcheux, à esteira de Debray (1978 *apud* COURTINE, 2011), chamaria de uma *língua de vento*. Tal expressão funciona a partir do momento em que se vislumbra o entrecruzamento da linguagem publicitária na linguagem política, flagrando a convergência de signos da publicidade e do capitalismo no interior da fala política. A *língua de vento* faria emergir, assim, *novas sensibilidades lingüísticas* a partir de um rompimento com os modos mais tradicionais de expressão política. Em detrimento do panfleto e da petição, o movimento apontava o início de uma varredura das *línguas de madeira* pela volatilidade das *línguas de vento*. Levadas pela ventania das formas breves, leves e oscilantes, a *madeira* resistiria, ainda, por muito tempo, à dispersão e à volatilidade dos novos modos de organização discursiva? A resposta é negativa: o maio de 68 começava por desenhar nova silhueta para o discurso político:

Em suma, trata-se das núpcias entre Marx e a Coca-Cola, para falar justamente da *língua de vento* daquela época. Certamente, trata-se de um recobrimento das discursividades políticas tradicionais pelas formas breves, vivas e efêmeras do discurso publicitário. Elas dotavam a fala pública de uma volatilidade da qual as *línguas de madeira* estavam, sem dúvida, desprovidas (COURTINE, 2011, p. 147).

O movimento de Maio de 68 representa, desse modo, os últimos suspiros de uma *língua de madeira*: as esferas da mídia e do capitalismo fariam funcionar, de modo cada vez mais acelerado, uma midiatização do discurso político, ou, ainda, uma *espetacularização*, segundo a fórmula de Guy Debord (1997), do discurso político. Desse modo, a revolta estudantil atuou em uma modernização política e cultural ao sabor do capitalismo, fazendo funcionar a grande mídia num processo de incitação publicitária da linguagem política. É assim que o *vento* se sobrepõe à *madeira*: pela ação de formas que perderam sua solidez em nome da fluidez publicitária. Não por acaso, Courtine dirá que, ao final dos anos 70, quando da confecção de sua tese sobre o *discurso comunista endereçado aos cristãos*, sua atenção já se aguçava em direção à circulação de uma *língua de vento*. Ao empreender, então, a análise do discurso comunista, sua preocupação era, antes de mais nada, empreender um dessecamento das *línguas de madeira* a fim de compreender seu funcionamento e sua natureza, para, num momento seguinte, decretar, em definitivo, sua morte. Sua tese era, então, “uma autópsia transcrita sob a fórmula de um atestado de óbito” (COURTINE, 2011, p. 149).

Observando a convergência entre a emergência de uma *língua de vento*, durante o Maio de 68, e a proposta de uma Análise do Discurso lançada por Pêcheux em 69, é possível afirmar, portanto, que a Análise do Discurso estava inscrita, desde seu surgimento, numa posição de instabilidade: pouco a pouco, a análise informática de um discurso político baseado no verbo seria minada, por um lado, pelos acontecimentos políticos e ideológicos e, por outro, pelo papel da grande mídia nesse processo. Há, no entanto, como aponta Piovezani (2009), um descompasso entre a vida e a ciência. A primeira, de maior fluidez e amplitude, não se deixa rastrear pela segunda, que se encontra quase sempre com nostalgia pelo que a vida empreendeu e ela não viu. Por isso, é apenas na década de 80 que assistiríamos a uma reformulação na análise do discurso político baseada naquilo que acontecia, pelo menos, desde o Maio de 68, isto é: a incorporação da

linguagem publicitária na linguagem política e uma composição discursiva cada vez mais heterogênea, o que instaura outra discursividade na medida em que oferece novas formas de dizer, de comunicar e produzir sentido. A grande mídia tinha papel central nesse processo: instalava-se o *reinado das imagens*, de modo que os textos recebiam um tratamento sincrético: mais que ouvir seu verbo, era preciso ver (e fazer significar), ao mesmo tempo, suas imagens. O discurso verbal, que recebeu lugar privilegiado desde o surgimento da Análise do Discurso, daria lugar a textos de naturezas diversas. Era preciso estar atento a

uma verdadeira revolução áudio-visual, com a exponencial da mídia que instalava o *reinado das imagens*, dos textos sincréticos que amalgamam diversas materialidades (linguísticas e visuais). Era chegado o momento de incorporar à análise a *língua de vento* da mídia, o discurso ordinário, as novas materialidades do mundo *pós-moderno* que se concretizavam no discurso (GREGOLIN, 2008, p. 27).

Essas novas formas de construção do discurso político deflagrariam, de modo definitivo, o desmoronamento da máquina discursiva. Postava-se, desse modo, um paradoxo, afinal, em uma disciplina que se queria política, capaz de intervir na sociedade, as mudanças no mundo exigiam revisões na teoria. Para Gregolin (2004), dois deslocamentos, então, eram necessários: um de natureza teórica e outro de natureza política. Em termos teóricos, era preciso sair de uma redução que a Análise do Discurso imputava em seu objeto primeiro. Tal redução se colocava tanto na obsessão pelo texto escrito, considerado condutor ideológico por excelência, quanto na redução que vai “do histórico ao político, do político ao ideológico, do ideológico ao discursivo e do discursivo ao sintático” (COURTINE, [1992] 2006, p. 56). Da mesma forma, em termos políticos, era preciso desapegar-se da ideia, tão insistentemente sustentada por Althusser, de *luta de classes*, levando-se em conta que a classe operária estava desaparecendo nesse novo contexto econômico.

O referente central em torno do qual se organiza o discurso comunista, com efeito, se decompõe: “a classe operária”, em nome da qual ele fala, *não existe mais*, e ainda menos a unidade operária que sustenta seu discurso. As evoluções tecnológicas transformam profundamente a própria natureza do trabalho operário, enquanto as perturbações econômicas e sociais diversificam e individualizam as aspirações no interior de um mundo operário em plena mutação. O Partido Comunista é, de agora em diante, o

porta-voz de um *proletariado imaginário*, de *massas invisíveis* (COURTINE, [1985] 2006, p. 114).

Numa tentativa de fazer frente às transformações pelas quais passava o mundo, em sua organização política e social, era preciso incitar a ciência na procura de novas direções. Foi assim o Colóquio *Matérialités Discursives*, realizado em Nanterre entre os dias 24 e 26 de abril de 1980, momento em que as feridas estão expostas e as rupturas seriam, portanto, irremediáveis. Destacaríamos, daquele momento, a emergência de discussões em torno da heterogeneidade feita por Jacqueline Aulthier. Problematizava-se, então, o *fio do discurso*, fazendo aparecer um discurso outro como constitutivo do próprio discurso. É o que Pêcheux chamará de “primado teórico do outro sobre o mesmo” ([1983] 1993, p. 315). O que se propunha agora era o *primado da heterogeneidade*: o discurso era, antes de tudo, heterogêneo. Essa questão apontava novas perspectivas para uma série de discussões: primeiramente, ela colocava em xeque o método de leitura empreendido pela máquina discursiva, que “engessava”, como diz Gregolin (2004, p. 155), a interpretação, uma vez que as classes distribucionais de Harris, das quais Pêcheux faz uso em sua análise automática, tomava o objeto de análise como homogêneo. Do mesmo modo, o primado da heterogeneidade ofereceria novas bases para aquilo que Pêcheux entendia como *contradição e falhas na interpelação ideológica*, fazendo com que fosse revista a tese do assujeitamento (PÊCHEUX, [1975] 1997). E, por fim, a ideia de uma heterogeneidade discursiva também faria deslocar a discussão sobre as formações discursivas. A partir da leitura de Foucault, Courtine proporia reformular o conceito, passando a considerá-lo como algo constituído a partir de fronteiras flutuantes. A noção de formação discursiva teria, a partir daqui, certa elasticidade, o domínio de uma formação discursiva estaria, a partir de então, sob a égide da heterogeneidade: seus domínios haviam sido penetrados por outros saberes, outros discursos, que vinham de outros lugares (COURTINE, [1981] 2009).

Essas novas fronteiras estão presentes nos últimos textos de Michel Pêcheux. Para citar alguns, em 1981, com o texto *Delimitações, inversões e deslocamentos*, Pêcheux fala sobre a sociedade da mídia e do paralelo entre enunciado e imagem: “o olho é mais crível que o ouvido”, afirmava Pêcheux (*apud* GREGOLIN, 2004, p. 154). Já em abril de 1983, com *Papel da memória*, Pêcheux discute as questões entre Linguística, discurso e memória, além de fazer alusão à função da imagem enquanto operador de memória social e indicar os

trabalhos de Barthes e Benveniste como possibilidades de avanço no que diz respeito à relação do texto com a imagem (PÊCHEUX, [1983] 2007). Por fim, em julho 1983, com *Discurso: estrutura e acontecimento*, além de colocar em jogo as transformações pelas quais passava o campo político, Pêcheux empreende uma análise do enunciado *On a gagné* levando em conta não apenas sua materialidade linguística, mas também sua materialidade sonora: “*On a gagné*, cantado com um ritmo e uma melodia determinados (on-a-ga-gné/dó-dó-sol-dó) constitui a retomada direta, no espaço do acontecimento político, do grito coletivo dos torcedores de uma partida esportiva [...]” (PÊCHEUX, [1983] 2008, p. 21). Se pudéssemos desprezar sua materialidade sonora, cantado em outro ritmo, fundaria, esse mesmo enunciado, o acontecimento discursivo de que fala Pêcheux?

Como se pode ver, os últimos textos de Pêcheux não estão alheios às novas perspectivas que se apresentavam à Análise do Discurso. De modo definitivo, o lugar central oferecido ao linguístico oferece lugar a materialidades outras: o *reinado das imagens* estava posto, e os textos produzidos eram cada vez mais sincréticos. Além disso, as categorias de *lutas de classe* e a tese da interpelação ideológica sustentadas por Althusser estão em declínio tanto na teoria do discurso, quanto na realidade social, deflagrando a inevitável crise do Marxismo. Do mesmo modo, a desintegração do Partido Comunista Francês, o desaparecimento da classe operária, as rupturas políticas da esquerda e, paralelamente, a diluição irreversível do vínculo construído entre políticos e intelectuais, ou, nas palavras de Courtine, entre *professores* e *militantes*, marcaria o fim das ideologias. Por isso, ao fazer uma genealogia da Análise do Discurso, Courtine ([1992] 2006, p. 39) afirmará que “é preciso que trabalhem, desde metade dos anos 1980, numa paisagem teórica em ruínas”.

## Para além das ruínas

Empreender uma análise do discurso a partir da década de 80 significaria, então, levar em conta não apenas suas passadas primeiras, no que diz respeito à sua aliança entre Linguística e História, mas significaria, principalmente, levar em conta as guinadas teóricas articuladas no interior do campo e as guinadas políticas que se assistia à época. É a partir de estados de crise que foi preciso revolver o projeto de uma análise do discurso

político e redirecioná-lo a partir das restrições que se faziam crescentes no seio da teoria do discurso. As novas configurações da mensagem política, principalmente no que diz respeito à sua fugacidade, à sua composição multimodal, assim como à sua transmissão pelos mais rápidos e variados suportes midiáticos, interrogam-nos sobre um aporte teórico que faça frente a tais mutações. Como apreendê-los em sua totalidade e, principalmente, como analisá-los mediante sua espessura histórica? Para Courtine, se quisermos manter o projeto de uma análise do discurso que restitua ao discurso sua dimensão histórica, a Análise do Discurso já não pode se furtar de ampliar o alcance de sua visada e engendrar análises que articulem discursos, imagens e práticas.

Parece-me, particularmente, que esse projeto poderá administrar a análise das representações compostas por discursos, imagens e práticas. A transmissão da informação política, atualmente dominada pelas mídias, se apresenta como um fenômeno total de comunicação, representação extremamente complexa na qual os discursos estão imbricados em práticas não-verbais, em que o verbo não pode mais ser dissociado do corpo e do gesto, em que a expressão pela linguagem se conjuga com a expressão do rosto, em que o texto torna-se indecifrável fora de seu contexto, em que não se pode mais separar linguagem e imagem (COURTINE, [1992] 2006, p. 57).

O tratamento oferecido à imagem torna-se, então, central. O papel exercido pelas novas mídias e tecnologias audiovisuais no processo de produção e circulação de textos sincréticos, aguça, de modo definitivo, a necessidade de explorar o funcionamento e a forma como significam as imagens na contemporaneidade. Dessa necessidade, Courtine (2008; 2009) apontará como via possível a busca de um aparato semiológico aos estudos do discurso, a fim de oferecer ao campo do discurso uma perspectiva teórica que auxilie na análise dos discursos compostos por textos sincréticos, multimodais, compostos por sistemas semióticos diversos, tal qual se apresenta o discurso político na contemporaneidade. A essa perspectiva, Courtine chamará *Semiologia Histórica*.

A proposta de uma *Semiologia Histórica*, antes de estar ligada à concepção de uma disciplina, está ligada à construção de uma perspectiva teórica que carrega o desejo não apenas de revolver (e devolver) a espessura histórica dos discursos, mas, além disso, de considerar uma unidade textual baseada no caráter sincrético que a constrói. Essa abertura não significa, no entanto, distanciar-se dos preceitos postulados pela Análise do Discurso.

Piovezani (2009) fala de uma *reformulação conservadora*, na medida em que a perspectiva adotada por Courtine faz irromper novas questões sobre a composição, a historicidade e o funcionamento do discurso contemporâneo. Além disso, a *Semiologia Histórica* se apresenta como via possível na ampliação da *visada discursiva*, renovando, na Análise do Discurso, sua capacidade analítica, na medida em que explora seus limites e a coloca diante de novos desafios.

## Sobre imagens e memórias

A noção de *intericonicidade*, formulada por Courtine (2005) a partir do conceito de *memória discursiva*, oferece indícios de um caminho a ser seguido e será central na perspectiva de uma análise que busque tanto resgatar a dimensão histórica dos discursos, quanto considerá-lo em sua integridade textual.

Em 1981, quando da publicação de sua tese na *Langages* 62, Courtine propunha introduzir o conceito de *memória discursiva* na problemática do discurso a partir de sua leitura de Foucault. Em *Arqueologia do Saber*, Foucault ([1969] 2008) falava em *domínio associado*, defendendo a ideia de que uma formulação mantém, em suas margens, formulações coexistentes, às quais ela retoma, transforma, reformula, confronta, de modo que a formulação primeira produziria efeitos de memória em relação à formulação com a qual dialogava. Courtine distinguirá, então, que “a noção de memória discursiva diz respeito à *existência histórica do enunciado* no interior das práticas discursivas regradadas por aparelhos ideológicos” ([1981] 2009, p. 105-106). Desse modo, é a *memória discursiva* que faz ecoar, numa determinada conjuntura ideológica, a posição que convém tomar, o que convém dizer, escrever, etc, levando-se em conta as coisas das quais nos lembramos e o modo como nos lembramos. É nesse jogo entre uma *memória* e sua irrupção na atualidade que se dá o funcionamento daquilo que Courtine dirá como sendo *efeito de memória*. O *efeito de memória* estaria posto na relação entre interdiscurso e intradiscurso, isto é, na relação entre a formação de uma memória no fio do discurso – o interdiscurso – e a sua formulação na atualidade – o intradiscurso. Isto porque “os enunciados existem no *tempo longo de uma memória*, ao passo que as ‘formulações’ são tomadas no *tempo curto da atualidade de uma enunciação*” (COURTINE, [1981] 2009, p. 106).

Levando-se em conta a natureza do *enunciado* exposto na *Arqueologia foucaultiana*, isto é, sua “natureza semiológica”, como observa Gregolin (2008, p. 29), a *memória discursiva*, tal qual formulada por Courtine, pode apresentar-se tanto no interior de práticas verbais, quanto no interior de práticas não verbais, “permitindo a circulação e tornando possível a articulação tanto entre um já-dito e um dizer quanto entre um enunciado e sua formulação” (MILANEZ, 2006, p. 78). É, pois, dessa propriedade que decorre a noção de *intericonicidade*. Para circundá-lo, Courtine (2005) parte da ideia de que a imagem, além de um modelo de língua, é um modelo de discurso. Isso nos levaria a considerar que a imagem mantém com a *memória* a mesma relação que um discurso verbalmente materializado mantém: se os discursos são perpassados por *memórias* que os fazem significar, o mesmo acontece com as imagens:

Não há texto, não há discursos que não sejam interpretáveis, compreensíveis, sem referência a uma tal memória. Diria a mesma coisa de uma imagem, toda imagem se inscreve em uma cultura visual, e essa cultura visual supõe a existência, para o indivíduo, de uma memória visual, de uma memória das imagens, toda imagem tem um eco (COURTINE, 2005)<sup>1</sup>.

Courtine (2005) afirma que existiria uma história das imagens construída no encontro entre a *história das imagens vistas* e a *história das imagens sugeridas*. Assim, o conceito de *intericonicidade* coloca em jogo a relação entre imagens que são internas e externas ao sujeito, isto é, o modo como lidamos, produzimos e relacionamos imagens a partir das imagens que nos são oferecidas pelo mundo. A noção de *intericonicidade* está dado, portanto, na troca entre as imagens de nosso catálogo interno e as imagens com as quais nos deparamos externamente. Tal relação tem raízes nos trabalhos sobre iconologia de Hans Belting (2006), que, numa abordagem antropológica, propõe que as “representações internas e externas, ou imagens mentais e físicas, devem ser consideradas como dois lados de uma mesma moeda”<sup>2</sup>, uma vez que a interação entre *imagens endógenas e exógenas* seria uma atividade intrínseca ao homem.

---

<sup>1</sup> Sem página, registro audiovisual.

<sup>2</sup> Referência eletrônica, ausência de página.

Sabemos que todos temos ou que possuímos imagens, que elas vivem em nossos corpos ou em nossos sonhos e esperam para serem convocadas por nossos corpos a aparecer. [...] ao mesmo tempo possuímos e produzimos imagens. Em cada caso, corpos (isto é, cérebro) servem como uma mídia viva que nos faz perceber, projetar ou lembrar imagens, o que também permite a nossa imaginação censurá-las ou transformá-las (BELTING, 2006)<sup>3</sup>.

É através da circulação dessas memórias imagéticas, ou dessas *intericonicidades*, que a grande mídia brinca com a memória, construindo sentidos mediante um jogo que parte da tradição e faz irromper novos discursos. Vicissitudes da mídia, sentidos da história, identidades que se cruzam: entre o dado e o novo, a *intericonicidade* aparece como um clarão, lançando luz sobre a produção de sentidos e identidades no interior de uma cultura visual. Seus frutos estão produzidos na instantaneidade de um acontecimento discursivo.

## Para não concluir

Os discursos que se dão a ver, atualmente, são, portanto, herdeiros de um momento de mutação que se inicia nos anos 60, mais precisamente durante o Maio de 68. As esferas do mercado, da política e uma massiva atuação da mídia inauguram outros modos de composição discursiva, menos preocupados com o caráter hermético das *línguas de madeira* e mais comprometidos com a leveza das *línguas de vento*, ou, ainda, com a fluidez dos *discursos líquidos*, como bem o dirá Courtine (2008), à esteira de Bauman (2005).

Na tentativa, então, de acompanhar as transformações das materialidades discursivas, a Análise do Discurso passa por momentos de instabilidade e rupturas durante a década de 80, momento de reordenação das bases políticas e teóricas. Daquele momento, além dos tantos deslocamentos teóricos empreendidos – e já discutidos aqui – fica a necessidade de suspender o privilégio oferecido ao discurso político verbal, concedendo às imagens o mesmo caráter histórico concedido aos textos verbalmente materializados.

Se queremos analisar, então, os discursos que se dão a ver atualmente, e, mais precisamente, o modo como esses discursos estão subjetivando sujeitos e produzindo

---

<sup>3</sup> Referência eletrônica, ausência de página.

identidades, é preciso devolvê-lo sua espessura histórica e tomá-lo mediante sua dimensão sincrética. Nesse empreendimento, tentamos apresentar alguns caminhos possíveis, apontados por Jean-Jacques Courtine (2005; 2008; 2009) em sua produção mais recente, principalmente no que diz respeito à proposta de uma *Semiologia Histórica* e à noção de *intericonicidade*, que nos deixa entrever, hoje, uma metodologia na análise de imagens que foge da proposta estrutural e aposta numa visada discursiva.

Assim, a fim de que o descompasso entre a vida e a ciência não seja um abismo, resta a nós, analistas, não apenas reconhecer a transmutação das línguas, mas também apostar nos novos caminhos e labutar seus alcances. Trazer as imagens, o corpo e a memória para o momento próprio de uma análise discursiva talvez seja apenas o primeiro passo de uma longa jornada, mas não deixa de nos oferecer um horizonte de possibilidades, no qual estamos menos presos às *estruturas* e mais enredados nos *acontecimentos*.

## Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BELTING, Hans. Imagem, mídia e corpo: uma nova abordagem à Iconologia. *Revista Ghrebh*, n. 8, jul. 2006. Disponível em: [http://revista.cisc.org.br/ghrebh8/artigo.php?dir=artigos&id=belting\\_1](http://revista.cisc.org.br/ghrebh8/artigo.php?dir=artigos&id=belting_1). Acesso em: 15 jul. 2010.

COURTINE, Jean-Jacques. [1981]. *Análise do Discurso*: o discurso comunista endereçado aos cristãos. Tradução de Bacharéis em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

\_\_\_\_\_. [1985]. O pós-stalinismo, ou a metamorfose impossível. In: \_\_\_\_\_. *Metamorfoses do discurso político*: derivas da fala pública. Tradução de Carlos Piovezani e Nilton Milanez. São Carlos: Claraluz, 2006, p. 111-115.

\_\_\_\_\_. [1992]. Uma genealogia da Análise do Discurso. In: \_\_\_\_\_. *Metamorfoses do discurso político*: derivas da fala pública. Tradução de Carlos Piovezani e Nilton Milanez. São Carlos: Claraluz, 2006, p. 37-57.

\_\_\_\_\_. O chapéu de Clementis: observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. Tradução de Marne Rodrigues de Rodrigues. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (Org.). *Os múltiplos territórios do discurso*. Porto Alegre: Asgra Luzzatto, 1999. p. 15 – 22.

\_\_\_\_\_; [2005] MILANEZ, Nilton. *Intericonicidade: entre(vista) com Jean-Jacques Courtine*. Registro audiovisual, 2005. Disponível em: <<http://www.grudiocorpo.blogspot.com/>>. Acesso em: 06 jun. 2009.

\_\_\_\_\_. Discursos sólidos, discursos líquidos: a mutação das discursividades contemporâneas. In: SARGENTINI, Vanice; GREGOLIN, Maria do Rosário. (Org.). *Análise do Discurso: heranças, métodos e objetos*. São Carlos: Claraluz, 2008, p. 11-19.

\_\_\_\_\_. Discurso e imagens: para uma arqueologia do imaginário. Tradução de Carlos Piovezani. In: PIOVEZANI, Carlos; CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice. (Org.). *Discurso, semiologia e história*. São Carlos, SP: Claraluz, 2011. p.145-162.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FOUCAULT, Michel. [1969]. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GREGOLIN, Rosário. *Foucault e Pêcheux na construção da Análise do Discurso: diálogos e duelos*. São Carlos: Claraluz, 2004.

\_\_\_\_\_. J.-J. Courtine e as metamorfoses da Análise do Discurso: novos objetos, novos olhares. In: SARGENTINI, Vanice; \_\_\_\_\_. (Org.). *Análise do Discurso: heranças, métodos e objetos*. São Carlos: Claraluz, 2008, p. 21-37.

MILANEZ, Nilton. *As aventuras do corpo: dos modos de subjetivação às memórias de si em revista impressa*. 2006. 210f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2006.

PÊCHEUX, Michel. [1975]. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. 3 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

\_\_\_\_\_. [1983]. A Análise do Discurso: três épocas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Org.). *Por uma análise automática do discurso*. Tradução de Jonas Romualdo. 2 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. p. 311-318.

\_\_\_\_\_. [1983]. Papel da memória. [1983] In: ACHARD, Pierre [et al]. *Papel da memória*. Tradução e introdução de José Horta Nunes. 2 ed. Campinas, SP: Pontes, 2007, p. 49-57.

\_\_\_\_\_. [1983]. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. 5 ed. Campinas: Pontes, 2008.

PIOVEZANI, Carlos. *Verbo, corpo e voz: dispositivos de fala pública e produção da verdade no discurso político*. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

---

<sup>i</sup> **Amanda BRAGA, Doutoranda**

Universidade Federal da Paraíba (UFPB) /Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR)  
amandabraga\_jp@hotmail.com